

**LEIA AINDA
NESTA EDIÇÃO**
Professores debatem
a guerra no
Oriente Médio
*
Discussão do
Acordo Interno
será retomada

Reitoria anuncia nova tabela de promoção na carreira

Professores terão salários mais baixos

A Reitoria informou à comunidade, em reunião com a APROPUC e no Conselho Universitário, os novos valores para a tabela de promoção na carreira. A medida visa adequar os salários dos professores às exigências do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), acordadas entre o Ministério Público e a Fundação São Paulo.

A tabela vigora para os novos contratados de 2006, não alterando os salários hoje em vigor na PUC-SP. Mas qualquer professor que ascender na carreira terá de se enquadrar aos novos valores.

O chefe de gabinete Guilherme Simões informou à APROPUC que os valores iniciais e finais não serão alterados sensivelmente: os percentuais de elevação de cada categoria é que sofreriam as maiores mudanças. Verificando-se, contudo, a tabela divulgada no Consun (veja reprodução nesta página), percebe-se que não é incorporado o reajuste de 4,27%, de março de 2006. Assim, um auxiliar de ensino, que hoje recebe R\$ 4.283, passaria a

curso para associado. Pelos valores praticados até agora, o professor receberia cerca de R\$ 1.293 a mais. Com os novos valores, esse professor terá um acréscimo de apenas R\$ 68.

Problemas legais

A professora Priscilla Cornalbas, presidente da APROPUC, lembrou a Reitoria sobre a ilegalidade de tal procedimento, que cria novamente na universidade uma tabela com valores diferenciados para as mesmas categorias profissionais, o que contraria a Convenção do Sinpro-SP, da qual a PUC-SP é signatária.

Para o professor Guilherme, o momento justificaria tal atitude, que, para a Reitoria, corrigiria o crescimento exponencial da folha salarial. É bom lembrar que a Deliberação 12/05 limita o quadro de associados e titulares da universidade em 20 e 15% respectivamente, do total de professores de cada departamento.

Nesta edição, publicamos ainda a discussão sobre outros itens da TAC no Consun e outros temas debatidos entre a APROPUC e Reitoria.

Os novos valores para a promoção de professores

Categoria	Salário atual	Nova tabela
Aux.Ensino	4.283	4.100
Mestre	5.443	4.920
Doutor	7.607	6.396
Associado	8.900	7.675
Titular	10.386	9.977

O salário atual não sofrerá alterações para os professores que ingressaram antes de 2006. Os ingressantes após essa data e aqueles que mudarem de categoria já estarão enquadrados na nova tabela.

receber R\$ 4.100. Já o titular passaria dos atuais R\$ 10.386 para R\$ R\$ 9.977. A nova tabela cria distorções como a do doutor que vai prestar con-

Fora Israel do Líbano e da Palestina

A facilidade e a impunidade como o Estado sionista pratica o genocídio no Líbano e na Palestina evidenciam as tendências bélicas mundiais. O Oriente Médio é palco das guerras, mas o cenário é mais amplo.

Em que latitude tais tendências se concentram? Nos Estados Unidos da América.

Israel foi criado artificialmente na Segunda Guerra Mundial, sob a hegemonia norte-americana e com a função de cumprir um papel histórico de garantia do expansionismo do imperialismo americano, no pós-guerra. O sionismo foi garantido pela potência que emergiu entre as duas grandes guerras (a de 14 e a de 45).

O Estado militarista de Israel não resultou de um longo processo histórico de formação nacional – como ocorreu no mundo todo com o advento do capitalismo –, mas em decorrência de sua criação por obra das potências. Os Estados Unidos armaram o Estado sionista com o aparato mais sofisticado da indústria bélica, inclusive nuclear – uma das razões que levou e leva o Irã a trilhar o mesmo caminho.

As guerras incessantes no Oriente Médio respondem, em grande medida, à presença das forças imperialistas, particularmente às dos Estados Unidos. A prepotência do governo Ehud Olmert, que ordenou a destruição do Líbano, se deve ao mando dos Estados Unidos e à anuência da Europa, apesar dos interesses colonialistas conflitantes.

A guerra contra o Iraque e sua ocupação pelos Estados Unidos serve de parâmetro para Israel. É parte da mesma tendência bélica e dos métodos da guerra colonialista que ocorre na região. O Iraque foi arrasado por bombardeios aéreos, sem que houvesse pos-

sibilidade de qualquer resistência. A mortandade de civis compõe os cálculos da guerra por computadores e satélites. Depois, basta os generais e governos lamentarem as mortes e atribuírem ao bombardeio da população erro de informação.

A guerrilha nacionalista do Hezbollah nasceu da resistência do povo libanês (não de sua burguesia entreguista, principalmente a identificada com a fração cristã) à ocupação de Israel de seu território, em 1982. A guerrilha foi a forma encontrada para obrigar os exércitos sionista e norte-americano a desocuparem o Líbano. O massacre de civis, por sua vez, foi a contrapartida militar dos invasores. As milícias cristãs libanesas, com apoio de Israel, promovem o assassinato em massa de refugiados palestinos, em Sabra e Chatila, para vingar a morte do presidente cristão Bachir Gemayel. Estavam estabelecidos os vínculos de sangue entre libaneses e palestinos contra o sionismo.

Há esses precedentes por detrás da invasão atual. Os teleguiados mortíferos de Israel não podem destruir a guerrilha do Hezbollah, mas podem arrasar o país e matar centenas e centenas de civis. Na guerra imperialista, a população é considerada culpada, pois abriga a resistência. O bombardeio de Qana é um dos retratos.

A ONU, mais uma vez, mostra-se instrumento das potências, que negociam por cima da destruição e dos cadáveres o desarmamento do Hezbollah e o fortalecimento das posições libanesas favoráveis a Israel. Quando os Estados Unidos acharem que o exército israelense deva cessar os bombardeios, então as forças internacionais agirão para impor a ordem que as potências desejarem.

Mas a guerra de Israel no Líbano e na Palestina é mais ampla. Entrelaça-se com

a guerra no Iraque e a que os Estados Unidos planejam contra o Irã. A “paz” entre Israel e Líbano deve ser resultado de uma derrota geral dos nacionalismos no Oriente Médio e domínio pelo imperialismo das fontes de petróleo, terra e água. O que quer dizer que o cerco militar no Líbano, Gaza e Cisjordânia é apenas continuidade de uma guerra mais geral no Oriente Médio do imperialismo e do colonialismo sionista contra os povos oprimidos.

A posição do governo Lula é vergonhosa. Segue as posições da França, que teve o Líbano como colônia, desde a 1ª Guerra Mundial até 1941. Lamenta hipocritamente a “desproporção” da reação de Israel ao aprisionamento de dois de seus soldados e morte de outros três pelo Hezbollah e pede o desarmamento da guerrilha libanesa. E se dispõe a integrar as forças internacionais, que possivelmente estarão sob o comando francês.

Desarmar o Hezbollah significa deixar Israel com as mãos completamente livres para continuar com expansionismo e para intensificar o domínio sobre os palestinos.

Os trabalhadores do mundo todo e a juventude devem se colocar do lado dos povos oprimidos e lutar pela derrota do imperialismo. O avanço militar dos Estados Unidos e de Israel no Oriente Médio fortalecerá as tendências bélicas mundiais do capitalismo decadente. A luta dos trabalhadores conscientes não se dá em torno do nacionalismo, mas do socialismo. Os Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio trarão a paz definitiva entre os povos. Para alcançar essa paz verdadeira, será necessária uma longa luta antiimperialista e anticapitalista.

Erson Martins de Oliveira,
Diretor da Apropuc.

PUCviva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP. **Coordenação:** Valdir Mengardo. **Sub-editor:** Leandro Divera. **Reportagem:** Jaqueline Nikiforos e Pedro Nogueira. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Erson Martins de Oliveira, Hamilton Octavio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G. S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** apropuc@uol.com.br. **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. **Fone:** 3670-8004. **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCviva na Internet:** www.apropucsp.org.br.

Tragédia sem fim no Oriente Médio

José Arbex Jr.

O desafio não é fácil: explicar em poucas linhas o conflito que envolve Israel, Líbano e Palestina. Para facilitar um pouco, vamos listar algumas afirmações quase consensuais (em se tratando de Oriente Médio, quase nenhuma observação conquistou o consenso):

1. Não se trata de uma guerra entre povos. Ao contrário do que diz o senso comum e uma parte mal informada da mídia, nunca houve uma “situação milenar de hostilidade” entre os povos árabe e judeu. Muito ao contrário. Viveram sempre em relativa harmonia, eventualmente perturbada por tensões, mas nada que se equipare, sequer longinquamente, às perseguições anti-semitas movidas pela Inquisição católica, pelos pogroms russos e muito menos pela polícia nazista.

2. Não se trata de uma guerra entre religiões. Os profetas dos islâmicos são também os profetas dos judeus, exceto por Cristo e o próprio Mohamed. É vastamente conhecido o fato de que a religião judaica encontrou paz e prosperidade, por exemplo, no califado de Córdoba.

3. Não se trata de uma guerra do “bem” contra o “mal”. Os conceitos de “bem” e “mal” são valores absolutos que pertencem à esfera da religião e dos mitos. Sua aplicação ao mundo da política é inaceitável, pois não há interlocução entre o “bem” e o “mal”. Se o meu adversário político é o “mal”, eu só

posso desejar a sua destruição.

Aqui termina o relativo consenso. Ir mais além implica tomar posições polêmicas, sujeitas a todo o tipo de interpretação. Eis uma delas:

Ambos os povos – árabe e judeu – são vítimas de uma tragédia. Não são vítimas por igual, é claro: mesmo uma simples e sinistra contabilidade do número de crianças e civis mortos nos dois lados, nas últimas semanas, para não falar da destruição material, mostra isso com grande clareza. Mas ambos os povos são vítimas. Só que não há apenas um “carrasco”. Há um imenso jogo de interesses geopolíticos, cujo pano de fundo é a guerra pelo controle do petróleo encontrado no Oriente Médio.

Os discursos em torno dos conflitos nunca mencionam o petróleo. Washington fala em “guerra ao terrorismo”, mas foi a CIA que ajudou a criar, a armar e organizar organizações como a Al Qaeda, para lutar contra os soviéticos no Afeganistão. Nos anos 80, a Casa Branca sustentou o fiel amigo Saddam Hussein, durante a guerra contra o Irã liderado por Khomeini, sem dar a mínima para a denúncia do uso de armas químicas pelo aliado iraquiano. A lista de horrores praticados pelos militares estadunidenses contra as populações civis do Iraque e do Afeganistão (para não falar do passado mais remoto, começando com Hiroxima e Nagasáqui) tomaria, sozinha, todo o espaço dedicado a este artigo.

O governo de Israel, que tam-

bém diz lutar contra o terrorismo, teve uma participação ativa na criação do Hamas, no final dos anos 80, por ser um grupo que, supostamente, rivalizaria com a OLP e dividiria os palestinos. Isto é, ajudou a armar o Hamas quando, de fato, o Hamas era apenas um agrupamento extremista, mas se dispõe a destruí-lo, a partir do momento em que o antigo grupo se torna uma força nacional, capaz de vencer eleições limpas e democráticas, e disposto a respeitar as regras do jogo institucional. Telavive diz defender a ordem internacional, mas ignora absolutamente todas e cada uma das resoluções da ONU, a começar pela 242, de 1967, que determina sua retirada dos territórios palestinos ocupados, até a resolução ES-10/15, que estabelece a ilegalidade do muro da vergonha construído por ordem de Ariel Sharon. Os ataques contra civis palestinos e libaneses não estão exatamente em consonância com o respeito aos direitos humanos.

Os governos árabes proclamam a vontade de “destruir os judeus e os estadunidenses”, mas são os primeiros a fazer todo tipo de acordo espúrio com Washington, além de manter na miséria as populações de seus próprios países, recorrendo a massacres e torturas, sempre que necessário. A “guerra aos judeus” sempre foi um artifício muito útil, para provocar, artificialmente, surtos nacionalistas e religiosos, com o objetivo de

desviar as atenções dos graves problemas provocados pelo autoritarismo, pela desigualdade social e pela corrupção. Jamais uma ditadura ou uma monarquia árabe se dispôs a distribuir a riqueza ou criar as condições para uma real melhoria de vida de seu povo.

A comunidade internacional, finalmente, dança ao sabor da valsa, ora apoiando as ações dos Estados Unidos (e do fiel vassallo britânico), como no ataque ao Iraque, em 1991, ora tomando distância (como no outro ataque ao Iraque, em 2003). No conjunto, esse jogo extremamente complexo forma a estrutura de forças que têm como foco as reservas de petróleo do Oriente Médio.

Às vezes, a situação tende a fugir ao controle, como acontece agora, com o desastre que George Bush armou para ele mesmo no Iraque, e com o ressurgimento do Irã como pólo de poder em confronto com Washington. O ataque israelense ao Hizbolá, grupo apoiado pelo Irã (e, secundariamente, pela Síria) só pode ser entendido à luz desse jogo. O verdadeiro alvo do ataque são os regimes de Teerã e Damasco. A captura (e não o “seqüestro”) dos soldados israelenses foram apenas o pretexto.

Enquanto isso, e por causa disso, milhares de seres humanos choram os seus mortos e a destruição na Palestina, no Líbano e em Israel. Como alguém ainda pode pretender justificar tamanha insanidade?

José Arbex Jr. é professor de Departamento de Jornalismo



Bolsas-dissídio seguem normas das convenções sindicais

Funcionários e professores vêm reclamando neste início de semestre de algumas negativas aos pedidos de bolsa de estudo por parte da Reitoria. O *PUCviva* procurou o Expediente Comunitário e, segundo informações da professora Célia Forghieri, assessora da Reitoria responsável pelo setor, hoje, na ausência de um outro texto, estão em vigor as normas das convenções coletivas de professores e funcionários.

Uma das principais limitações para os funcionários está na escolha do mestrado, que agora não depende exclusivamente da opção do trabalhador, mas deve obedecer às normas da convenção, que limita a gama de cursos “nas áreas correlatas às tarefas que executa”. Ainda assim, para a professora Célia, procura-se averiguar todas as possibilidades de utilização, por parte do funcionário, do conteúdo escolhido. Em alguns casos, porém, a ligação não fica muito clara e, neste caso, o pedido é negado. Também estão sendo declinados pedidos de funcionários que estão há vários anos em determinado curso, com exagerado número de reprovações.

A avaliação é feita sempre pelas chefias diretas e pela Divisão de Recursos Humanos. A professora Célia lembra

que sempre existe a possibilidade de recursos à Reitoria.

Professores

Já para os docentes, ocorria um problema de interpretação da Convenção. Como o texto prevê duas bolsas para o professor e seus dependentes, a terceira, a partir da denúncia do Acordo Interno, começou a ser negada. Na realidade, estava subjacente ao texto a palavra “concomitante”, o que significa que todos os dependentes do titular poderão usar duas bolsas, desde que simultaneamente não sejam cursadas mais de duas modalidades.

A professora Priscilla Cornalbas, presidente da APRO-PUC, levou o problema à Reitoria, e de comum acordo ficou estabelecido que, além da bolsa do professor, serão concedidas duas bolsas para cada dependente, desde que somente duas ocorram simultaneamente.

A professora Célia também informou que os trabalhadores e dependentes que estão gozando do benefício hoje, mesmo que ultrapassem as normas da Convenção, não terão suas bolsas canceladas. O mesmo procedimento está sendo adotado para o Cogea, cujas bolsas não são previstas pela Convenção.

Reitoria propõe novas medidas para atender Ministério Público

A maior parte do Consun extraordinário de 31/7, foi dedicada à discussão do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) e os encaminhamentos propostos pela Reitoria para que a universidade não sofra as sanções previstas pelo Ministério Público.

A reitora Maura Véras expôs os principais encaminhamentos propostos pela administração da universidade e suas possíveis consequências. Já os conselheiros questionaram o caráter “sigiloso” do documento do Ministério Público. Durante a discussão, a reitora esclareceu que o sigilo na divulgação do documento foi requerido pela Fundação São Paulo, e não pela Curadoria de Fundações.

Vários conselheiros questionaram o papel do próprio Consun na elaboração de alternativas para a PUC-SP. Segundo a professora Maura, a perspectiva da Reitoria é manter a essência da universidade, atendendo às exigências do TAC. “Em algumas normas do TAC, somos sujeito. Outras, como as que dizem respeito aos acordos sindicais, a Fundação pode recusar”, esclareceu a reitora.

A conselheira Maria Helena Borges pediu esclarecimentos sobre a norma que previa a adequação dos funcionários ao usual do mercado. A Reitoria esclareceu que existem alguns parâmetros (que não seriam necessariamente aplicados pela universidade) que estabelecem a proporção de um funcionário para cada 45 alunos. APUC-SP teria um para 19. Segundo a AFAPUC, esses cálculos partem de parâmetros equivocados, pois incluem os funcionários do Hospital Santa Lucinda, onde a relação com alunos é diferenciada.

A discussão sobre os prováveis efeitos das medidas implantadas pela Reitoria neste início de semestre, bem como o fluxo de caixa de agosto, deverão entrar na pauta do próximo Consun, em 30/8.

Cursos tecnológicos

Após anunciar o fechamento de sete dos dez cursos abertos, o Consun optou por não abrir ainda neste semestre tam-



FABIO MASSIF

A reitora Maura Véras coordena mais uma reunião do Conselho Universitário

bém os três cursos tecnológicos de curta duração restantes (Design de Games, Comércio Exterior e Gestão de Marketing). Tais cursos não haviam preenchido o total necessário de 40 vagas. Foram apresentadas propostas de baixar o número de vagas em cada curso, mesmo com o vice-reitor Flávio Saraiva anunciando que isso seria financeiramente arriscado. A conselheira Ana Bock analisou que “uma

universidade em crise não deveria fazer experiências”.

Os novos cursos eram anunciados como uma forma de sair da crise e foram projetados para atender demandas de mercado, o que gerou controvérsias na comunidade. A conselheira Salma Tannus Muchail lembrou que nem sempre o que parece ser mais prático é o melhor para a universidade e sua excelência acadêmica.

ACORDO INTERNO / PROFESSORES

Negociações serão retomadas com outros parâmetros

Além da discussão sobre a nova tabela de promoção salarial dos professores (veja matéria nesta edição), a reunião entre a APROPUC e a Reitoria ocorrida no dia 1.º/8 serviu também para a retomada das negociações do Acordo Interno. O professor Guilherme Simões, chefe de gabinete da Reitoria, deixou claro que o TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) colocou novos parâmetros na discussão desse tema.

Para o professor, o TAC impõe um certo retrocesso às negociações. A Reitoria, porém, ainda mantém a vontade de avançar em relação à Convenção Coletiva. A concessão do Adicional por Tempo de Serviço (quinquênio) já tem um formato definido (e inegociável): os professores terão

acréscimos salariais de 5% a cada cinco anos, até completarem 15 anos de serviço. Os quinquênios já em vigor não serão modificados.

A questão das bolsas de estudo também foi levantada (veja matéria sobre bolsas nesta edição). Quanto aos atrasos salariais, a Reitoria pretende retomar as negociações nas próximas semanas, e justificou a interrupção nas discussões pela situação de eleições vivida pela APROPUC e pela proximidade das férias (uma das parcelas devidas pela Reitoria deveria ter sido paga no dia 25 de julho). Uma nova rodada de negociações está prevista para a próxima semana, quando a Reitoria apresentará outras propostas para o Acordo Interno e um novo calendário de parcelamento dos atrasos salariais.

Rola na rampa

Acordo Interno em discussão na Justiça

A primeira audiência de conciliação entre Reitoria e AFAPUC sobre o Acordo Interno acontecerá nesta segunda-feira, 7/8, às 13h, no Tribunal Regional do Tra-

balho. A entidade dos funcionários move processo reivindicando a manutenção do Acordo Interno que vigorou na universidade até maio de 2006.

Falece o professor João Alexandre

Morreu na madrugada de 3/8, o professor e escritor João Alexandre Barbosa. Apesar da sua formação no curso de Direito, João Alexandre sempre se dedicou à teoria e a crítica literária, matérias que lecionou na USP, mais especificamente na FFLCH. Mesmo sem lecionar na PUC-SP, era presença constante em bancas de avaliação, debates e simpósios que aconteciam em nossa universidade. O autor de obras como *A imitação da forma* e *As ilusões da modernidade*, deixa a mulher, Ana Mae Barbosa, e dois filhos.

Mais uma aventura do Clube da Caminhada

São Luiz de Paraitinga é o próximo destino do Clube da Caminhada. O passeio vai explorar trilhas no Parque Estadual da Serra do Mar, em meio a inúmeras cachoeiras. A safada está marcada para as 7h do sábado, 19/8, com retorno previsto para as 21h do domingo, 20/8. As inscri-

ções podem ser feitas até esta terça-feira, 8/8, na Tesouraria. O custo é de R\$ 160, ou três parcelas de R\$ 60. O valor inclui ônibus de ida e volta, hospedagem em pousada com café da manhã, um almoço e um lanche, acompanhamento de guias especializados e seguro-viagem.

Feriadão na Colônia de Férias

Ficam abertas até esta sexta-feira, 11/8, as inscrições para a excursão que a AFAPUC promoverá à Colônia de Férias do Saaesp, entre os dias 25 e 28 de agosto. Mais informações podem ser obtidas na sede da entidade, no corredor da Cardoso.

Mais um missionário ameaçado de morte

Na semana passada, a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) tornou público um manifesto a respeito da perseguição e ameaça de morte sofrida pelo Bispo do Xingu, Dom Erwin Kräutler. O missionário trabalha na defesa dos direitos dos povos indígenas e ribeirinhos da Amazônia, de causas ecológicas e Projetos de Desenvolvimento Sustentável, além de encabeçar protesto pelo assassinato da também missionária Dorothy Stang e outros crimes impunes cometidos na região. No documento, a CRB manifesta "inteira solidariedade à sua pessoa e às suas ações".

Restaurante aumenta o preço do bandejão

Se você já achava caro, prepare-se. Agora o bandejão custa R\$ 6,90. O aumento foi divulgado pelo restaurante Facultativo neste início de semestre. Segundo Andréa Silva, nutricionista do restaurante, o aumento tornou-se necessário porque "com o preço anterior, não havia lucro". Andréa afirmou que, desde a inauguração do restaurante, no início de 2005, o bandejão funcionou sem qualquer lucratividade. Os R\$ 5,90 cobrados anteriormente apenas cobriam as despesas. A nutricionista justificou que o alto custo da refeição

deve-se ao elaborado cardápio oferecido à comunidade. Para chegarem ao aumento, os responsáveis pelo restaurante fizeram pesquisas sobre o preço do mesmo tipo de refeição nos estabelecimentos ao redor da PUC. Segundo Andréa, os relatórios constataram que a alimentação oferecida pelo bandejão era de melhor qualidade que as demais, e muito mais barata. Após três reuniões com a Reitoria e a apresentação dos relatórios, o aumento foi aprovado. Ainda segundo Andréa, é possível que esse preço não mude no próximo ano.

Homenagem ao professor Léon Pomer

Nesta quarta-feira, 9/8, o Naci (Núcleo de Análise de Conjuntura Internacional) reúne-se na sala 134-C, às 14h30, para homenagear o professor Léon Pomer. Há 29 anos no Brasil, Léon lecionou em diversas universidades, foi professor da PUC-SP na graduação e na pós e, nos últimos quatro anos, lecionou no Departamento de História e no Curso de Especialização Economia Social e Desenvolvimento - América Latina. O professor também é autor de diversas publicações sobre a História latino-americana. Leon chegou ao Brasil em 1977, expulso da Universidade de Buenos Aires, no contexto da perseguição aos intelectuais pelo governo militar argentino. No próximo mês, retornará definitivamente à Argentina. O Naci é ligado aos programas de pós em Ciências Sociais e Economia Política e à FEA.

Assalto à mão armada dentro da PUC-SP

Na terça-feira, 1.º/8, um rapaz empunhando um revólver calibre 38 assaltou a lanchonete do CA de Relações Internacionais, no Prédio Velho. Foram levados cerca de R\$ 500 do caixa, além do celular de uma estudante e mais R\$ 50 de um funcionário de uma das lojas de xerox da Prainha. O assalto aconteceu às 13h. Na lanchonete, estavam apenas a funcionária e a estudante. O rapaz, "bem vestido e boa pinta", segundo descreveu a funcionária, aproximou-se do balcão e pediu um salgado. Pagou, colocou o salgado sobre a mesa, voltou ao balcão e sacou a arma, apontando-a em sua direção. Após pegar o dinheiro do caixa, abordou a estudante. Saindo da lanchonete, ainda com a arma em mãos, levou o dinheiro do funcionário do xerox, e foi embora em direção à Rua Monte Alegre.